

A neve derretia nas montanhas, e transcorreram várias semanas da morte de Bunny até que compreendêssemos a gravidade de nossa situação. Só foram encontrá-lo dez dias depois de sua morte. Uma das maiores buscas de toda a história de Vermont — envolveu polícia estadual, FBI, até um helicóptero do exército; fecharam a faculdade, a fábrica de corantes em Hampden paralisou suas atividades, surgiram voluntários de New Hampshire, de todo o Norte do estado de Nova Yorke até de Boston.

Difícil acreditar que o modesto plano de Henry tenha funcionado tão bem, apesar dos eventos imprevistos. Não pretendíamos ocultar o corpo onde não pudessem encontrá-lo. Na verdade, nem o escondemos, simplesmente o abandonamos onde caíra, torcendo para que um passante azarado topasse com ele antes que alguém desse por falta do rapaz. Seria um caso por si só evidente: pedras soltas, um corpo no fundo do desfiladeiro, o pescoço fraturado e as marcas enlameadas dos saltos dos sapatos na queda, apontando para baixo. Um acidente durante a caminhada, nada mais, nada menos, e poderia ter permanecido assim, com lágrimas contidas e enterro discreto, não fosse a neve que caiu durante a noite, cobrindo tudo sem deixar traços. Dez dias depois, quando finalmente veio o degelo, a polícia estadual, o FBI e os voluntários da cidade perceberam que haviam caminhado por cima do cadáver quando a neve que o cobria se tornara sólida como um bloco de gelo.

Difícil acreditar que um ato pelo qual fui parcialmente responsável tenha gerado tamanha comoção, e ainda mais difícil acreditar que eu tenha enfrentado tudo — as câmeras, as fardas, as multidões espalhadas pelo monte Cataract como formigas numa tigela de açúcar — sem despertar um lampejo sequer de suspeita. Mas enfrentar tudo era uma coisa; superar, infelizmente, outra muito diversa, e embora tenha pensado certa vez que me afastara do desfiladeiro para sempre, naquela tarde de abril longínqua, hoje não tenho tanta certeza disso. Depois que os voluntários partiram, e a vida se aquietou à minha volta, percebi que me imaginara, durante anos, em outro local mas que, na realidade, permaneci lá o tempo inteiro: no alto, entre as marcas lamacentas de rodas na grama nova, onde o céu é escuro sobre as macieiras em flor, e o frio da neve que caíria durante a noite já estava no ar.

“O que estão fazendo aqui?”, Bunny disse, surpreso, quando nos viu, os quatro, à sua espera.

“Ora, procurando samambaias”, Henry disse.

Depois que cochichamos, ocultos no mato — uma última espiada no corpo, uma última olhada em volta, ninguém perdeu a chave, ou os óculos, todo mundo pegou tudo? —, e partimos em fila indiana, pelo bosque, virei o rosto na direção dos arbustos que se curvavam, tapando a trilha atrás de mim. Como me recordo do retorno, a pé, e dos primeiros flocos de neve solitários que esvoaçavam por entre os pinheiros, e de entrar no carro com os outros, e de seguirmos pela estrada como uma família em férias, Henry ao volante, dirigindo de dentes cerrados, driblando as poças, e o resto de nós debruçados nos assentos, conversando como crianças, como me lembro bem demais da longa noite terrível e dos longos dias terríveis que se seguiram; basta que eu olhe por cima dos ombros e todos estes anos se

desfazem, e vejo atrás de mim o desfiladeiro, erguendo-se verde e negro por entre os arbustos, numa cena que jamais me abandonará.

Suponho que, em algum momento de minha vida, eu teria um sem-número de histórias, mas agora não há nenhuma outra. Esta é a única história que posso e poderei contar.